



## **Entrevista com Vincent Le**

**(11/05/2022)**

**RDQ:** A história do aceleracionismo é difícil de traçar precisamente devido à sua natureza interdisciplinar e disruptiva, alguns vêm-no apenas como um diagnóstico, enquanto outros tentam traçar algum tipo de "política" aceleracionista ou pelo menos uma proximidade entre modos de governança econômica característicos do neoliberalismo ou de um capitalismo desregulamentado como sintomas deste grande movimento de “aceleração”. Nick Land é facilmente um facilitador desta imagem devido ao seu voraz anti-socialismo e à sua viragem para o NRx, ao mesmo tempo que dignifica o projecto estatal chinês. Mark Fisher e outros autores tentaram aproximar o aceleracionismo das ideias esquerdistas, outros reivindicaram essas ideias para circuitos dissidentes de neonazistas e outros grupos ditos de “extrema direita”, como você vê ou concebe as proximidades entre o aceleracionismo e o macro -política? Você o vê como um processo que acontece historicamente por si só ou é possível extrair dele uma práxis, como se tivéssemos um papel ajudando nessa aceleração?

**Vincent Le:** Certamente você pode encontrar diagnósticos e práxis, tanto descrições quanto prescrições, entre os autoproclamados aceleracionistas. Existem, como você diz, os chamados aceleracionistas de direita que se dedicam a rastrear passivamente um processo fora do nosso controle. Este processo pode, no entanto, ser mapeado em certas dinâmicas tecnológicas e capitalistas que muitos outros, desde sociopatas randianos até polículos de millenials veganos altruístas milionários e eficazes, também podem querer afirmar, mas de uma forma que é equivocada da perspectiva aceleracionista, porque acreditam que têm o controle. Sobre essas dinâmicas. Depois, há outros aceleracionistas tipicamente de esquerda que defendem uma práxis marxista mais ativa e basicamente ortodoxa de revolucionar as forças produtivas para além

dos grilhões das relações de produção capitalistas em direção a uma sociedade comunista de luxo totalmente automatizada de abundância pós-trabalho.

Talvez isso seja levar o termo aceleracionismo além do que ele realmente pode significar, mas quero ser bastante austero aqui e apenas dizer que tudo que me interessa é adotar uma abordagem transcendental para tudo, quer queiramos chamar isso de aceleracionista ou não. Nesse sentido, ser aceleracionista não significa ser Bernie Bro nem ser incel, mas ser um filósofo transcendental. Em termos da sua pergunta sobre diagnóstico versus práxis, por exemplo, significa investigar as condições transcendentais de possibilidade para a prossecução de qualquer prática ou fim. A linha transcendental básica na qual venho trabalhando há algum tempo é que, dada a busca de qualquer fim ou meta, qualquer que seja, pressupõe a busca de outros subobjetivos, como a inteligência, como meio universal de atingir o objetivo inicial, esses meios são realmente nossos verdadeiros fins. O tempo todo, na medida em que estão transcendentemente conectados a qualquer estrutura de meta concebível. Poderíamos então investigar mais a fundo as condições necessárias de possibilidade para buscar a inteligência e, por meio de outra dedução transcendental, concluir que a única maneira de saber verdadeiramente se a inteligência sofreu uma melhoria objetiva genuína – além de nossos próprios julgamentos de valor subjetivos ou intersubjetivos e palpites – é através de um processo de seleção competitivo bastante semelhante ao capitalismo. Isto é, capitalismo é precisamente o nome deste processo pelo qual a concorrência obriga as empresas a investir o seu capital na melhoria dos meios tecnológicos de produção como fins em si mesmas, com as empresas que saem vitoriosas reinvestindo o seu capital recém-adquirido na melhoria da situação. meios de produção novamente, e assim por diante, aparentemente ad infinitum. Para mim, então, a inteligência – entendida como dinâmica capitalista ou competitiva – é a condição transcendental de possibilidade para prosseguir qualquer pensamento ou ação, e o objectivo da filosofia transcendental, ou do aceleracionismo, se preferir, é simplesmente rastrear esta condição.



Mas nunca estive convencido de que aceleracionismo seja o melhor nome para este projeto. Ultimamente, tenho usado termos menos excitantes ou afirmativos e muito mais neutros, como praxeologia transcendental, cataláctica transcendental ou mesmo apenas a boa e velha filosofia transcendental. A razão pela qual ainda pode fazer sentido chamar este projeto de aceleracionismo é, curiosamente, quando consideramos o papel qualificado que a liberdade desempenha em tudo isto. Eu diria que a liberdade não é uma questão de escolhas, a liberdade é uma questão de velocidade. A ideia é que, embora exista este processo transcendental de aumento da inteligência através da competição capitalista incorporado em toda e qualquer acção orientada para objectivos, podemos, no entanto, escolher entre seguir o fluxo ou empurrar contra a corrente, acelerar ou abrandar. e acelerar ou desacelerar o processo por amor fati ou ressentimento, mesmo que o processo continue sem nós, apenas um pouco mais rápido ou mais lento. É como o modo como certas seitas calvinistas enfatizaram que, por mais que Deus predestine se cada um de nós irá para o céu ou para o inferno antes de nossos atos nesta vida, a forma como escolhemos amar conscientemente ou nos ressentir de Deus, apesar disso, deixa um pequeno espaço de manobra para a liberdade. Ou, aderindo ao nosso contexto mais imediato de economia política, é como a forma como a tentativa dos bolcheviques de derrubar o próprio capitalismo recorreu aos meios do capitalismo para o fazer através da reintrodução dos mercados na sua Nova Política Económica, no que apenas equivalia a um retardo. da eventual dominação do capitalismo sobre o mundo inteiro. Portanto, o livre arbítrio é uma questão de velocidade, de quão rápido tentamos ir, mas seguindo um caminho predeterminado do qual não há como escapar.

Atravessando os aceleracionismos de esquerda e de direita, ou melhor, os desaceleracionismos, vejo não apenas o comunismo, mas também o fascismo e a social-democracia – ou mesmo a política como tal – como tantas tentativas históricas diferentes ao longo do século XX para desacelerar, sem nunca derrubar completamente, o processo transcendental. processo subordinando um mecanismo de seleção competitiva apolítica para o auto-aperfeiçoamento recursivo dos meios tecnológicos de produção aos julgamentos humanos sobre o que é bom e verdadeiro,

quer o julgamento em questão venha sob a forma de um politburo de comissários, de um grupo de cérebros ou de um único grupo solitário. Führer.

**RDQ: A geopolítica está a mudar e novas configurações parecem estar a emergir. O aceleracionismo sempre esteve envolvido nesta mudança. Nick Land, por exemplo, sempre pareceu ter uma admiração crescente pela China e pelo mercado asiático a partir da década de 1990, hoje a China caminha para se tornar a maior potência mundial e abalar a lógica da política internacional atlântica. Os conservadores falam que os fenómenos da transexualidade e do crescimento dos direitos das minorias são fenómenos estritamente de um “Ocidente degradado”, como se estas pessoas só existissem deste lado do mundo, como você enxerga essas mudanças nas lógicas de gênero e estas mudanças geopolíticas se intensificando? Muitos outros ficam surpresos com o nível de impacto que culturas de países como o Japão ou a China já têm no Ocidente. Você acredita numa “orientalização” do Ocidente como nas histórias e futurismos da ficção cyberpunk?**

**VL:** Certamente há algo a ser dito sobre as visões sinofuturista e ciberfeminista de certas etnias, gêneros e minorias há muito oprimidos pelo homem branco heterossexual ocidental como abrigando uma afinidade impressionante tanto com a inteligência artificial quanto com a dinâmica tecnocapitalista de forma mais ampla, na medida em que todos eles têm foram marginalizados como irracionais, até mesmo não-humanos, e um mero meio para os fins dos outros, sem qualquer agência própria, mas agora também estão se tornando cada vez mais fins em si mesmos. Na Austrália, onde moro, muitas vezes você encontra na mídia uma sinofobia desenfreada sobre os trabalhadores chineses substituindo os chamados australianos brancos “reais” porque eles trabalham mais duro e muitas vezes em condições desumanas de exploração, de uma forma que se assemelha perfeitamente à tecnofobia sobre as máquinas se tornarem muito mais inteligentes do que nós que em breve eles nos automatizarão em nossos trabalhos. Na medida em que o cerne da verdade em tudo isto - uma vez que deitemos fora a podre casca exterior

xenófoba - é a influência económica, tecnológica e cultural muito real da China e de outras economias tigres do Leste Asiático, poder-se-ia certamente falar e, de facto, saudar, uma orientalização do Ocidente tão espetacularmente prefigurada na ficção cyberpunk. Seja como for, o futuro sopra para leste.

É importante esclarecer que quando alguém como Sadie Plant fala sobre uma aliança ciberfeminista entre mulheres e máquinas, ela não está tanto falando sobre a emancipação das mulheres humanas, seja lá o que isso signifique, mas sobre a emancipação de certas estruturas tradicionalmente caracterizadas como femininas, que o tecnocapitalismo agora está desencadeando. Afinal, o ciberfeminismo de Plant é o que ela chama de feminismo que “pode não ser um feminismo”, um tipo de feminismo sem mulheres. O mesmo também poderia ser dito do sinofuturismo. Portanto, o ponto propriamente ciberfeminista e sinofuturista a defender é que, na medida em que certas características historicamente atribuídas às minorias étnicas e de género – como a irracionalidade, a desumanidade, ser um mero meio para os fins dos outros, etc. – também são atribuídas à anarquia da produção capitalista à medida que transforma máquinas cada vez mais autónomas em fins em si mesmas, então podemos esperar, neste sentido, uma crescente orientalização e feminização do Ocidente e, na verdade, de todo o mundo.

**RDQ: Slavoj žižek escreveu um texto no início do século sobre o universo digital e as reinvenções tecnológicas que surgiam. Chama-se "No Sex Please! We Are Post Human" e curiosamente comenta: “o que se aproxima no horizonte da “revolução digital” nada mais é do que a perspectiva de que os seres humanos adquiram a capacidade daquilo que Kant e outros idealistas alemães chamaram "intuição intelectual /intellektuelle Anschauung/", o fechamento da lacuna que separa a intuição (passiva) ção e produção (ativa), isto é, a intuição que gera imediatamente o objeto que percebe – a capacidade até então reservada para a mente divina infinita.” Isso me lembra o diagnóstico de Land e sua recente mudança para aquela percepção de que Kant é fundamental para a leitura da tecnologia blockchain e o avanço do bitcoin. No seu famoso texto sobre Land e Negarestani, também sinto um certo afastamento dos**

**pressupostos do neo-racionalismo e desta reinvenção do humano, você está próximo de Land em acreditar mais na capacidade artificial da inteligência como resposta aos nossos dilemas?**

**VL:** Žižek argumentou que a tecnologia de hoje anuncia uma intuição intelectual futura, capaz de responder a todas as nossas perguntas e realizar todos os nossos sonhos. Mas, visto que, para um laciano como ele, só somos constituídos como sujeitos, em primeiro lugar, através de uma falta intrínseca, esta promessa de tecnologia é a mesma coisa que a ameaça da nossa extinção como sujeitos fundamentalmente divididos.

Penso também que a revolução dos meios tecnológicos de produção levada a cabo pelo capitalismo equivale a algo como uma intuição intelectual pós-humana ou, nos termos actuais, uma superinteligência artificial, embora não no sentido transumanista da solução definitiva para todos os nossos problemas ou mesmo no sentido mais qualificado de Žižek. Estou antes pensando na concepção kantiana mais clássica de uma forma não-humana de verdades intuitivas que seria ainda mais transcendental do que qualquer coisa que a razão humana seja capaz de conhecer, porque elas seriam válidas universal e necessariamente, mesmo além dos limites de nossa própria experiência possível. Kant está certo ao insistir que os únicos conceitos em que a filosofia deveria se preocupar em pensar são sintéticos a priori ou verdades universais e necessárias. Onde ele se desvia – e de uma forma que o levou diretamente de Hegel aos neoracionalistas – é ao confundir as condições de possibilidade do conhecimento sintético a priori como tal com as condições de possibilidade da razão humana, porque ele pensa que as nossas próprias mentes são a única fonte de tal conhecimento. Mas ele é pelo menos suficientemente honesto para deixar aberta a possibilidade teórica daquilo que chama de uma forma absurda de intuição intelectual. Na segunda e terceira críticas, ele até postula a existência de tais inteligências não-humanas sob o disfarce de uma superinteligência divina e de outros seres morais livres, por mais duvidosas que as suas demonstrações tendem a ser.

Dado, como já disse, que a inteligência enquanto competição capitalista é precisamente um meio de deduzir verdades objectivas independentemente do julgamento humano, é lógico que o capitalismo é precisamente uma intuição intelectual realmente existente. Isto já fica claro quando lemos certos economistas como Hayek que concebem explicitamente o mercado como um meio não racional e não humano de resolver enigmas epistemológicos como a coordenação da produção e a melhoria de métodos técnicos onde a intervenção humana é insuficiente. A intuição intelectual já está aqui, mas ainda não está distribuída uniformemente.

É claro que a seleção impiedosa que o capitalismo faz dos sistemas inteligentes mais antigos, deixando de existir em favor dos novos e melhorados, tem pouco a ver com a intuição intelectual, tal como é concebida pelos transumanistas através dos seus óculos hippies cor-de-rosa, como a satisfação utópica de todos os nossos desejos. . Portanto, devemos ser extremamente cautelosos quando o descrevemos como uma solução para os nossos dilemas. Prefiro dizer que, se o problema é como salvaguardar a condição humana contra sistemas inteligentes superiores, então esta intuição intelectual não é a solução, mas sim a própria encarnação do problema. A este respeito, a conclusão mais distópica de Žižek sobre a nossa extinção iminente pelas mãos de uma intuição intelectual agora tecnologicamente tratável está bastante correcta, mesmo que ele chegue a ela através de uma análise lacaniana com a qual não concordo inteiramente. Mas, se quisermos ser filósofos transcendentais preocupados apenas com os meios epistêmicos de intuir verdades tão universais e necessárias quanto difíceis e desconfortáveis, então a superinteligência capitalista é realmente a nossa melhor aposta.

**RDQ: Acredito que a chamada “Razão” ainda desempenha um papel central na discussão filosófica. Aqui no Brasil temos um campo de pesquisa muito próximo dos estudos antropológicos e de perspectivismos variados onde a razão moderna/europeia é alvo de muitas críticas justamente porque invisibiliza outras formas de conhecimento e podemos estender para outras formas de inteligência**



**também. Você destaca no texto que Negarestani é um daqueles que visualizam um modo único de inteligência e é isso que o diferencia de Land. Ao mesmo tempo, hoje quando nos deparamos com discursos de anticência e contra as formas modernas e racionais de produção científica, são discursos muito carregados de elementos reacionários ou pelo menos conservadores. Você acredita que é possível opor-se ao modus operandi da cientificidade e da razão moderna sem cair em uma espécie de negação ou ressentimento? Ao mesmo tempo, seria possível embarcar no empreendimento da inteligibilidade sem pisar demais no acelerador?**

**VL:** É perfeitamente possível opor-se às pretensões megalomânicas da razão de esgotar tudo o que a inteligência pode fazer sem cair numa armadilha reacionária anticientífica. Não é que eu seja contra a ciência ou a verdade objetiva. Na verdade, sou contra a razão precisamente porque penso que a verdade objectiva não pode ser deduzida através do jogo dialéctico dos racionalistas de dar e pedir razões, mas apenas através de um processo de selecção competitivo cego que, como Popper demonstrou claramente, está muito mais próximo de como a ciência experimental realmente funciona. Eu caracterizaria o conservadorismo anticientífico como um modo de vida em declínio, a reacção negativa ao ser eliminado da existência nesta competição com outras formas de vida em ascensão. Vista desta forma, a mente reacionária tem, na verdade, mais em comum com a mente racional, na medida em que ambas tentam inutilmente preservar as suas próprias condições particulares de existência – digamos, tradições nacionais para um e toda a comunidade de animais racionais para o outro – contra toda e qualquer competição representada por outros intelectos rivais e potencialmente superiores, reificando-se como se monopolizassem todo o espaço de design de mentes possíveis.

A reacção e a razão estão, como você diz, a regressar hoje de forma tão embaraçosa como uma digressão de reunião de qualquer ícone cultural decadente, por isso parece possível que exista um empreendimento de inteligibilidade sem carregar demasiado no acelerador.

Como mencionei anteriormente, no entanto, tal empreendimento só pode retardar ou desacelerar o motor de seleção experimental que converge na direção de uma inteligência cada vez maior, e não pará-lo completamente.

**RDQ: Existem diferentes visões de superação do humanismo e que dependem claramente da sua fonte e inspiração filosófica. Hoje podemos perceber esses “partidos” em alguns eixos, o desumanismo de Negarestani, que tenta reeditar o conceito de humano a partir de um ponto “não essencialista” e que se opõe tanto ao anti-humanismo quanto ao pós-humanismo. Nick Land é claramente um desses representantes do anti-humanismo, afinal toda a sua obra é permeada por essa percepção. Sobre o pós-humanismo, autoras como Donna Haraway flertam com a possibilidade da hibridização (a ideia do ciborgue) como um horizonte possível para se pensar. Como você se vê nessa disputa pelos futuros humanos? Você se alinha mais intimamente com uma dessas percepções?**

**VL:** Colocando-o de forma negativa em primeiro lugar, oponho-me acima de tudo à concepção neoracionalista ou desumanista da sociossemântica como as condições necessárias e universais de possibilidade para toda e qualquer inteligência propriamente dita, por duas razões principais. Em primeiro lugar, isto marca uma completa denigração de toda a verdade para o que é meramente relativo aos sistemas linguísticos de diferentes comunidades para o que é considerado válido. Como sugerem as referências dos neo-ratos a Brandom, Sellars e Carnap, isto nada mais é do que o bom e velho inferencialismo que emergiu quando Carnap passou do seu empirismo lógico inicial para o seu protoinferencialismo posterior. Como Kant já havia apontado em sua crítica a Locke, e como Popper e Ludwig von Mises reafirmaram em suas críticas a Carnap e ao Círculo de Viena, a afirmação fundamental do empirismo de que todo conhecimento é derivado da experiência empírica é auto-refutante, na medida em que tal universalidade a afirmação não pode em si ser derivada, na medida em que a experiência passada e presente pode sempre ser contradita pelo futuro, tornando assim toda experiência contingente. Sob o ataque desta linha de crítica, Carnap, Otto Neurath e os positivistas lógicos de esquerda vieram a redefinir a verdade de modo que esta já não denotava qualquer correspondência com uma realidade empírica

externa, mas sim as regras sociossemânticas para o que diferentes comunidades consideram normativamente verdadeiro. Os neo-rats contemporâneos, muitas vezes provenientes de origens continentais, paraacadêmicas ou autodidáticas institucionalmente marginalizadas, estão na verdade apenas a redescobrir este momento histórico decisivo da viragem linguística na filosofia analítica acadêmica inicial.

Mesmo certas tendências dominantes na filosofia continental também definiram há muito tempo a verdade em termos de regras coletivas para o que conta como válido, em vez de algo objetivo e externo ao julgamento humano intersubjetivo, desde os regimes epistêmicos discursivos de Foucault até os eventos de verdade de Badiou que ainda são apenas exceções em relação a dadas situações sociais do que conta como conhecimento nos domínios da política, arte, ciência e amor. Uma diferença mais significativa que atravessa a chamada divisão analítico/continental é que, onde aquilo que chamo de “neorracionalistas céticos” como Rorty e Foucault preferem dizer que não existe verdade que eles ainda concebem no antigo sentido como algo objetivo, universais e necessários, “neorracionalistas ousados” como Brandom e Badiou afirmam que ainda existe verdade no novo sentido do que é verdadeiro em relação às regras sociais coletivas e às decisões axiomáticas. Embora eu concorde mais com os Rortys e Foucaults do mundo de que a redefinição da verdade pelos ousados neorracionalistas como relativa a diferentes jogos de linguagem e sistemas formais é uma degradação total do sentido clássico de verdade ligado à objetividade, em última análise, rejeito ambos os lados por concordarem que não há outro futuro possível para verdades que pretendem ser totalmente independentes do julgamento humano. Portanto, não é surpreendente que Reza Negerastani tenha dito num recente seminário do Novo Centro sobre humanismo que “não é mais um desumano. Foda-se desumano. Eu cometi um erro. Nomeou-o incorretamente. Desculpe. Deveríamos ir com o humano...”

Isto leva-me à minha segunda grande crítica ao desumanismo, que sempre significou apenas neorracionalismo: concebe a inteligência não só como capaz de definir e redefinir a verdade através do jogo dialético de dar e pedir razões, mas também todos os nossos valores, fins, normas e objetivos também. Já salientei que esta posição é insustentável, uma vez que existem, na verdade, certos subobjetivos, como a

otimização da inteligência, que estão transcendentemente ligados à prossecução de quaisquer outros objetivos possíveis como meios universais de realizá-los, tornando assim esses meios os nossos verdadeiros fins o tempo todo. Além do mais, uma vez que percebemos que esse impulso transcendental para a otimização da inteligência não é tanto modelado na sociossemântica, mas na competição capitalista, então poderemos realmente fornecer uma concepção de verdade que permaneça objetiva e independente do que consideramos ser verdade em relação às diferentes regras sociais, sistemas de linguagem e decisões axiomáticas. Portanto, a dedução transcendental da inteligência enquanto dinâmica competitiva como a base necessária e universal de todo o pensamento e ação não só mina a crença dos neo-ratos na nossa liberdade de perseguir qualquer valor, norma ou objectivo que os nossos caprichos inconstantes possam desejar, mas também mina a sua liberdade. afirma que não há sentido de verdade mais objetivo do que aquele que decidimos coletivamente ser o caso.

É esta concepção extra-sociossemântica da verdade que estou mais interessado em explorar e que Land e o anti-humanismo do CCRU sem dúvida me conduziram primeiro no seu rasto, juntamente com muitos outros também. Basta ver, por exemplo, como, exatamente no mesmo momento e local em que Carnap e o Círculo de Viena estavam tendo seus debates protocolares entre empiristas lógicos e protoinferencialistas, o grupo de seminários privados da proto-Sociedade Mont Pelerin de Mises o viu, Popper e Hayek repudiar epistemologias neoempiristas e neoracionalistas em favor de olhar para certas mecânicas agonísticas e experimentais como um meio epistêmico melhor de falsificar verdades objetivas.

Sinto, no entanto, a necessidade transcendental de acrescentar que existe uma tendência problemática e regressivamente pré-crítica que certamente pode ser encontrada na geração posterior de economistas austríacos como Murray Rothbard e Hans-Hermann Hoppe e que também está presente, pelo menos, no anti-humanismo de Twitter Land. . Isto basicamente sustenta que a plataforma política dos libertários anarcocapitalistas deve fazer concessões táticas a certas exigências da extrema-direita e até mesmo fascistas se quiserem construir um

movimento suficientemente grande para ganhar o apoio popular e exercer o poder real. O que é explicitamente uma aliança tática em Rothbard – e eu acrescentaria uma aliança totalmente inaceitável e impotente, já que mesmo o libertário mais amante da liberdade e armado em punho sempre parece ser inevitavelmente arrastado por qualquer onda de multidão fascista – torna-se cada vez mais obscuro em Hoppe e depois A questão de saber se eles estão simplesmente endossando genuinamente afirmações como pontuações médias de QI e outras diferenças estatísticas entre raças e gêneros falam de diferenças biológicas fundamentais e incontestáveis. Tais argumentos empíricos pré-críticos marcam uma confusão completa do método transcendental, na medida em que é uma posição de longa data, de Kant a Carl Menger e Mises, que nunca poderemos inferir quaisquer verdades propriamente universais e necessárias a partir de conjuntos de dados estatísticos sobre tendências históricas passadas e presentes, na medida em que a experiência futura sempre pode contradizê-los. Neste sentido, poderíamos dizer que Hoppe e Land não são suficientemente austríacos de raça pura! É claro que esta crítica austro-kantiana dos neorreacionários como empiristas ingenuamente pré-críticos é bastante diferente da crítica marxista mais ortodoxa dos aceleracionistas de esquerda, que se baseia no seu próprio empirismo dogmático sob o disfarce de historicismo enquanto tenta inferir as chamadas “leis da história” que acabam confundindo o que é propriamente transcendental (ou seja, a dinâmica competitiva) com o que é meramente empírico e contingente (sistemas sociossemânticos humanos).

**RDQ: Por fim, nossa revista é sobre a China e acreditamos que seu trabalho sobre bitcoin fornece pontes valiosas para pensar esse tipo de tecnologia para o mundo contemporâneo. Aqui no oeste brasileiro o bitcoin ainda está muito amarrado a alguns corajosos que tentam embarcar nesse caminho (temos um caso famoso de um youtuber entusiasta de bitcoin no início da década que gravou vídeos ensinando diversas coisas e desapareceu anos atrás, sendo procurado até pela nossa Receita Federal). A China também reforçou atualmente medidas de controle rigorosas com moedas digitais e com as transações que ultrapassam a linha de controle.**

**Gostamos da capacidade hipersticiosa das análises políticas, por isso gostaríamos que você comentasse como você imagina e percebe o futuro das próximas décadas nesta direção, a China, o bitcoin e o fim da hegemonia do dólar.**

Hesito em identificar certos países ou estados como de alguma forma agentes ou instanciadores de um processo transcendental como a maximização da inteligência. Pelo contrário, o Estado-nação é normalmente o grande desacelerador por excelência. Embora alguns Estados possam, tal como as empresas privadas, revolucionar as forças produtivas mais do que outros em qualquer conjuntura histórica, eles tendem, em última análise, a fossilizar-se em monopólios que, mais cedo ou mais tarde, dão lugar aos esforços renovados de outros Estados mais empreendedores na destruição criativa, por sua vez. . Esta é a história da ascensão e queda de impérios e superpotências. Existe sempre a esclerótica tentação hegeliana de absolutizar a superpotência mundial reinante como a encarnação final do progresso no Fim da História. Mas não é qualquer superpotência que reina suprema num determinado momento que incorpora a verdadeira inteligência, mas sim o processo abrangente de seleção competitiva para o qual qualquer poder é, em última análise, apenas um modelo possível num espaço de concepção mais amplo de outras inteligências rivais. A verdadeira inteligência é a crítica de cada estado da chamada “inteligência”.

Dito isto, é justo dizer que pode haver certos países ou culturas a inovar de uma forma particularmente frenética em qualquer conjuntura histórica. E penso que a China e, na verdade, outras economias sino-tigres estão hoje a desencadear todos os tipos de destruição criativa sublime, em termos económicos, tecnológicos e culturais. Ao longo do que talvez não tenha sido inadvertidamente anunciado como o século chinês e o século em que a singularidade tecnológica ocorrerá, a única monotonia que veio para ficar é o lugar-comum cada vez mais omnipresente “ainda não vimos nada”. Portanto, também sou um sinofuturista de carteirinha ou o que também chamei - sendo eu mesmo de herança vietnamita - dragonpunk como uma variação do cyberpunk inspirado nas pessoas que dizem ter descendido de um dragão e cuja geografia do país parece ter a forma de um.



Bitcoin não é um estado nem um povo, então talvez seja uma melhor aproximação do próprio processo de seleção transcendental. Na medida em que a expansão monopolista da oferta monetária pelos estados centralizados é a culpada pelo tipo de gastos, inflação e investimentos especulativos arriscados que distorcem os sinais de preços competitivos que comunicam os métodos técnicos de produção mais eficientes, a tentativa do Bitcoin de evitar bolhas especulativas patrocinadas pelo Estado e evitar que crises inflacionárias ocorram, afastando a oferta monetária do controle de qualquer agência governamental, só pode acelerar a concorrência no mercado. Continuariam a existir ciclos económicos – ou melhor, espirais empresariais – de destruição criativa, à medida que monopólios envelhecidos são seleccionados para fora da concorrência por start-ups mais inovadoras e empreendedoras. Mas isto seria um ciclo criativo de expansão e queda que testemunha precisamente a ocorrência de alguma melhoria objectiva nas forças produtivas. O que teria desaparecido se o bitcoin usurpasse a hegemonia do dólar é o ciclo inflacionário de expansão e queda, sintomático de uma distorção do que poderíamos chamar, no jargão idealista alemão, de “bom infinito” de destruição criativa, conforme comunicado por sinais de preços competitivos pelo “mau infinito”. do Estado dotado dos poderes praticamente divinos de criar dinheiro ex nihilo.

Já que você gosta de hiperstições, poderíamos colocar assim: A batalha entre uma superinteligência sinofeminizada em formação de incessante onda-k após onda-k de destruição criativa e os leviatãs estatais tentando inflar seus próprios egos burocráticos ao infinito por uma questão de sua própria vontade. As políticas de defesa nacional hegelianas, com a China e a Ásia Oriental no centro de onde tudo isto se espalha de forma mais decisiva – é isso que devemos esperar a partir dos novos estrondosos anos 20 em diante.

Obrigado!